

identificar alguma pessoa mitológica específica. Fui encontrando mais nomes à medida que aprofundei essa questão. Enquanto para uma criança Mèbèngòkrè o referente principal de algum nome pessoal específico pode ser seu parente vivo, aqueles que detêm mais conhecimentos reconhecem que pode também corresponder a uma figura mitológica. Harrison (1990) identificou uma forma análoga de conhecimentos esotéricos em sua área da Nova Guiné. Variações sutis nos mitos, identificados por Harrison (1990), poderiam esclarecer as disputas Mèbèngòkrè sobre nomes, prerrrogativas, e os detalhes dos mitos que estou apenas começando a explorar.

2. Habitações, Casas e o Plano da Aldeia

2.1. Exórdio: mito da aldeia das mulheres

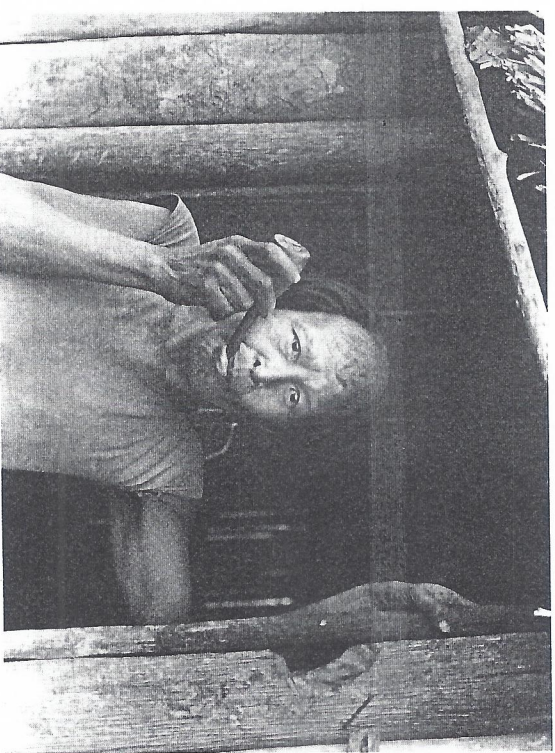


Figura 6 – Narradora Bèrìbèrì

2.2. O plano da aldeia



Figura 7 – Aldeia von Martius, dezembro de 1994, com o rio Xingu no fundo.



Figura 8 – Outro ângulo da figura anterior, permitindo uma melhor visualização da aldeia ampliada em construção.

Dizem (*we*) que as mulheres fazem suas próprias bordunas para matar animais. Lá há somente mulheres solteiras. As mulheres casadas estão em outro lugar. Dizem que há somente solteiras, e que matam animais e os trazem de volta à aldeia para comer. Quando nascem meninos, são entregues para outras pessoas. Mandam embora os meninos, e então há somente mulheres lá. Elas engravidam quando o vento sopra no ânus delas. Quando nascem meninas as mulheres as guardam. Quando nascem meninos são entregues aos homens, e então somente há mulheres lá. É assim ainda hoje em dia. É o lugar onde moram as solteiras. E os homens vêm e se casam com suas filhas e as levam embora, porque há somente mulheres lá. É a terra das mulheres. É lá que elas ficam. Ouvi falar disso de novo recentemente. Fala-se disso ainda. Continuam morando na terra das mulheres. Essas solteiras moram a leste. E recentemente os *kubé* roubaram algumas das filhas delas, para casar-se com elas e as levarem embora. Lá somente há solteiras, e dizem que há muitas. Algumas já morreram. Algumas delas morreram de gripe. Mas com as jovens estão aumentando novamente. Algumas se casaram e foram levadas embora. Os homens lhes trouxeram *nekretx*, e elas os deixaram levar suas filhas para se casarem e irem embora. Você já viu? Já ouviu falar delas? A terra das solteiras está bem longe, a leste, na direção da tua terra [ou seja, a Inglaterra, de acordo com a direção para qual apontei, indicando de onde eu vim]. Nossos ancestrais contaram para nós; é por isso que eu sei. Meu avô contou para meu pai, e ele contou para mim. É por isso que eu sei.

Narradora Bâribêri

As aldeias Jê e Bororo do Brasil central são tradicionalmente circulares ou semicirculares, e quase sempre se encontra uma casa dos homens, ou pelo menos um local de reunião, no centro, designado na literatura como praça ou pátio. As aldeias Timbira lembram rodas, com o raio formado pelos caminhos (limpos de vegetação) que se estendem de cada casa até o centro da aldeia. Os Mèbêngôkre limpam toda a praça de vegetação, portanto não há esse aspecto visual de roda. Uma vez limpo, o chão é endurecido pelo sol escaldante, embora na estação da chuva torne-se barrento, atravessado de vez em quando por fluxos de água, de acordo com o terreno da aldeia. Já que as aldeias são sempre construídas perto de um rio, o terreno tende a inclinar-se para baixo na direção da água. Atrás das casas, uma faixa estreita de terra é mantida limpa de vegetação¹, rodada (depois de dois ou três anos de ocupação de um mesmo local) por uma área de capoeira, formada por roças abandonadas usadas para jogar lixo e para defecar. Além dessa zona se estende a floresta.

Hoje em dia as casas (incluindo as habitações domésticas e a casa dos homens) são construídas no estilo regional, com paredes de madeira (agora com troncos sendo substituídos por tábuas) e o chão de terra batida. Cada habitação, dependendo do número de seus moradores, tem uma ou no máximo duas portas que se abrem para a praça da aldeia. Nunca existe uma porta traseira, e quando todos os ocupantes se ausentam da casa ou estão viajando, amarram a porta com embira e a trancam com cadeado (se tiverem um) para proteger-se de ladrões. Mesmo assim os roubos acontecem quando alguém remove ou afasta um ou mais troncos no fundo da casa para entrar dentro dela.

O único traço distintivo externo das casas é seu tamanho e o fato de ser recém-construída ou em decadência. Hoje em dia a habitação do capitão (aquele responsável por lidar com a sociedade nacional) se destaca por ser maior e mais alta do que as outras. Nesse caso, o tamanho não reflete a quantidade de seus ocupantes, mas o fato de que esse líder consegue mobilizar um número maior de ajudantes para construí-la. É lá que se hospedam os eventuais visitantes de outras aldeias, tais como um grupo de Kamayurá que veio do alto Xingu para um jogo de futebol².

A relativa opulência física de uma casa depende do número de homens que residem nela, porque são eles que realizam a construção, embora as

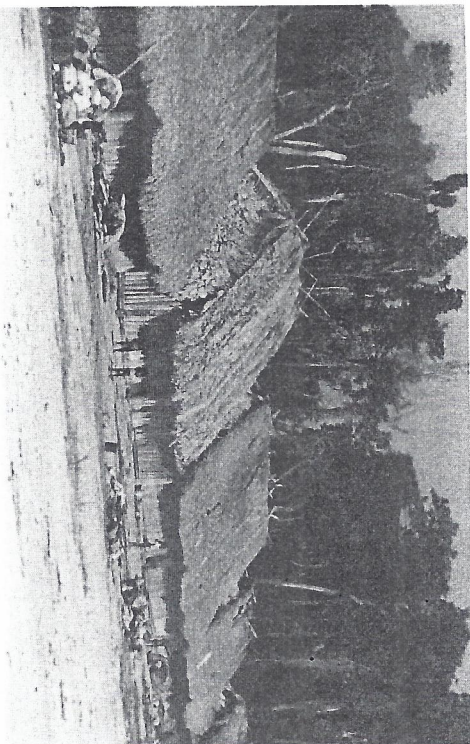


Figura 9 – Seção da aldeia Mèbêngôkre em 1987.

mulheres possam ajudar a transportar folhagem da floresta para forrar o teto. As mulheres que residem em habitações sem nenhum ocupante masculino dependem da boa vontade de seus filhos ou irmãos para realizar o trabalho de construção, e para consertar o teto, que tende a gotejar muito antes do apodrecimento das paredes. Uma das habitações menores, e em pior estado de conservação, durante a maior parte de minha pesquisa de campo, pertencia a uma velha que morava com suas duas filhas e vários netos, sem nenhum residente masculino. Os dois filhos dela, que moravam em pontos distintos da circunferência da aldeia, forneciam carne regularmente, por meio de suas respectivas esposas, mas não se preocupavam muito com a manutenção da casa em si³.

Os euro-americanos tendem a tratar a aparência externa de uma casa como sinal do *status* relativo de seus habitantes. No caso Mèbêngôkre, a condição física de uma habitação não dá nenhuma indicação de seu *status* cosmológico. A velha que acaba de ser mencionada pertencia a uma das matricasas (ou Casas) mais ilustres em termos de seu legado social. As Casas não exibem emblemas concretos; as pessoas as identificam pelo nome de sua moradora mais velha, ou por um ou mais de seus traços dis-

1 Essa área é conhecida como *atýkniñi*, termo que inclui a palavra *preta tók*.

2 Este exemplo é proveniente da pesquisa de campo no início da década de 1980. Após a saída dos Mèbêngôkre do Parque do Xingu, em meados da década de 1980, estavam distantes demais do Alto Xingu para receber visitas de pessoas vindas de barco.

3 Cowell (1973, p. 59) descreve a aldeia de Porori como parecendo: "um aglomerado de cabanos mal-tripados para a maioria das pessoas..." notando, de outro lado, que comparava favoravelmente com os abrigos precários que conhecia antes em um acampamento desses índios.

tintivos. No exemplo que acaba de ser citado, a Casa é conhecida como “o lugar onde a ave foi morta”, em referência a uma ave mitológica, hoje em dia descrita como do tamanho de um avião, que levou embora e devorou uma velha (ou velho, dependendo da versão). Seus *tshdwy* (sobrinhos ou netos [ver capítulo 4]) foram transformados gradativamente em gigantes pelo pai deles, que os submergia no rio Tocantins até os pés deles alcançarem a beira oposta. Conseguiram então matar a ave gigante cujas penas, ao serem arrancadas, se transformaram em todas as espécies de aves que agora existem. O choro cerimonial, uma das artes femininas supremas, originou-se com esses heróis; e as pupilas dos olhos também, possibilitando às pessoas enxergar melhor do que antes. Esses mesmos irmãos são figuras mitológicas destacadas que foram as primeiras pessoas a estabelecer a relação de amizade formal entre eles.

As casas não têm janelas; a iluminação é fornecida pelos espaços entre os paus que formam as paredes. As pessoas tentam enxergar pelas frestas nas paredes, para ver para dentro do lado de fora, por exemplo, quando o choro cerimonial que emana da casa chama atenção para o fato de que um dos residentes está muito doente. Do lado de dentro, as pessoas conseguem observar o que acontece no pátio sem serem observadas pelas pessoas de fora. Durante os jogos de futebol, que ocorrem todos os dias na praça, à tarde, as mulheres e as moças conseguem acompanhar discretamente as amostras de competição e de proezas masculinas do conforto de seu lar. Quando os caçadores chegam carregando caça, entram na aldeia por um labirinto de trilhas que se entrecruzam na floresta, levando às roças e de lá até a floresta circunvizinha. Passam pela praça para entrar nas casas de suas esposas, possibilitando a todos, de forma indireta, fiscalizar a disponibilidade de caça e de peixe, que são muito valorizados e sempre escassos. Quando duas irmãs saem de sua casa comum para tornarem-se vizinhas, ou quando uma mãe e sua filha fazem isso, elas se visitam informalmente, indo de uma habitação à outra (em vez de atravessarem o pátio). Podem até comunicar-se em voz alta pelas paredes. Se duas irmãs tiverem uma briga séria, então uma delas pode construir uma nova habitação em outra porção do círculo da aldeia, e transferir-se para lá permanentemente. Porém, o laço uterino entre elas não será esquecido, e continuam sendo consideradas como membros da mesma Casa, a não ser que a ruptura se



Figura 10 – Mulheres espreitando pela parede de uma casa.

torne permanente, o que resulta na divisão da riqueza herdável que pertence à sua Casa⁵.

A distância que divide os dois lados da aldeia é maior do que aparece a olho nu. Os homens jamais entram numa casa que não seja de sua mãe ou esposa por medo de provocar focas sobre adultério. As mulheres visitam poucas casas além daquelas pertencentes a outros membros de sua própria Casa (se provenientes de uma matricosa composta de várias habitações) e da Casa natal de seu marido. Quando um adulto vai até outra casa, significa que deseja algo, geralmente comida. Tal comportamento é evitado por todos, menos pelas pessoas mais imprudentes, porque é considerado repreensível. Os cachorros latem cada vez que um estranho se aproxima de outra casa, obrigando aquele que pretende fazer uma visita a esperar no pátio até os donos dos cachorros conseguirem aquietá-los. Acima de tudo, os adultos devem evitar aproximar-se da casa de um amigo formal de sexo oposto.

Quando uma mulher que mora do lado da aldeia oposto ao rio quer pegar água, ela não anda em linha reta, o que lhe permitiria economizar o peso do balde por optar pela trajetória mais curta, como se poderia supor. Ela anda acompanhando a circunferência do pátio, evitando os olhos de

4 *Ák bin áká*: literalmente: ave (áko); matar (áhn); lugar (áfi).

5 Os *Mshngókre* descrevem esse processo como *ábrn ngá*, que significa “mutuamente” (*ábrn*) “espalhar” (*ngá*).

homens estão se casando mais cedo do que no passado, ou pelo menos é isso que as pessoas mais velhas afirmam. E está se tornando mais comum para os jovens residirem com suas esposas antes do nascimento de seus filhos, embora a quantidade de mães solteiras esteja aumentando também. Já que as moças têm seus primeiros filhos durante sua adolescência, podem ter vários filhos até chegar aos trinta anos de idade; assim, até umas cinco pessoas compartilham a cama da família. É também comum para um parente, geralmente uma mãe, avó, ou até a irmã do pai, dividir sua cama com uma criança pequena cuja mãe tem outra criança ou bebê para cuidar. Trata-se de uma relação de criação e não de adoção porque a criança continua a ser considerada filho/a de seus pais biológicos⁶.

As mulheres adultas (com filhos) quase sempre têm sua própria lareira, onde o fogo serve para gerar calor e onde a maior parte dos alimentos é cozida na vida cotidiana. Já que o forno *Mebêngôkre* tradicional é aquele construído fora da casa, a inovação de fornos do lado de dentro envolve uma estrutura minimalista de três pedras colocadas no chão, de acordo com o tamanho da panela que será apoiada diretamente nelas. Os *Mebêngôkre* deixaram de usar um abano, ao contrário de seus vizinhos *tupi-guarani* e outros povos. As mulheres e meninas conseguem acender o fogo soprando nas brasas, trazidas de outra lareira de sua casa ou dos vizinhos. Uma mulher com marido e filhos não casados sempre tem sua própria lareira, mas ela pode compartilhar a lareira de uma filha se não tiver mais filhos nem um marido para cuidar. As panelas geralmente ficam espalhadas pelo chão, excetuando as unidades domésticas mais vanguardistas onde é construído um jirau, de estilo idêntico à armação da cama, onde panelas, louça e talheres podem ser guardados, junto com água, fora do alcance dos cachorros e outros animais de estimação.

É cada vez mais comum para as pessoas terem uma mala onde guardam seus bens mais preciosos, como penas de aves, cortes de pano, miçangas, munição e tabaco. Esta costuma ser amarrada no teto, ou guardada numa área fechada dentro da casa, embora o capião seja praticamente a única pessoa com propriedade suficiente para usar esse último procedimento. Penngem e espingardas são penduradas em pregos nas paredes, e arcos, flechas e espingardas são pendurados dos caibros do telhado. Há também caixas fabricadas tradicionalmente de casca de árvore para arma-

zenar penas maiores, sendo cocares e outros adornos corporais guardados nas malas ou inseridos no lado de dentro do teto de palha.

Em algumas Casas, cujos membros têm o direito de guardar determinados bens, como máscaras específicas, ou os chocalhos usados para marcar o ritmo em todas as danças, essas coisas são penduradas nos caibros, em pregos nas paredes ou nos esteiros da casa. Tais itens são a única forma de marca diacrítica permanente, embora adornos distintivos possam também estar expostos de modo semipermanente.

Cada unidade doméstica possui vários cachorros, e a maioria das habitações têm vários passarinhos. Algumas Casas têm seus próprios animais de estimação distintivos que entram e saem como totems vivos. A presença de tais xerimbabos depende de sua disponibilidade. Um exemplo, durante a maior parte de minha pesquisa de campo, é um passarinho com listras vermelhas distintivas⁷ (ver Figura 11) que pertencia a uma única Casa. A matricosa onde eu residia tem o direito de criar onças e outros gatos selvagens, mas nenhum filhote foi trazido do mato durante o período em que eu estava no campo. Outra Casa criava uma anta pouco tempo atrás, mas foi morta ao atacar alguém⁸. Em tais ocasiões, o matador come o animal, enquanto sua dona fica de luto como se fosse um parente morto. Numa ocasião, minha



Figura 11 – Passarinho de estimação (anacá) pertencente exclusivamente à Casa I.

6 A expressão "pais biológicos" é usada por falta de uma alternativa melhor. A definição *Mebêngôkre* coincide parcialmente com a definição euro-americana, na medida em que alguns homens que nós

classificamos como o pai biológico não são reconhecidos como tais pelos *Mebêngôkre*. A questão de paternidade é tratada de forma mais extensa em Lea, 2002.

7 Parece-me ser o anacá (*Derophtys accipitrinus*).

8 Havia uma anta de estimação em *Kubékakre* quando eu estava lá em 1998, mas não investiguei a que Casa pertencia.

própria unidade doméstica ficou de luto por um porco de estimação que corria atrás de sua dona quando ela ia trabalhar na roça. Voltaremos adiante à questão dos animais de estimação, ao contrastar a prerrogativa feminina de criar xerimbabos com a prerrogativa masculina correspondente de consumir determinadas porções de carne.

2.4. Uxorilocalidade

Os je do Brasil central são apresentados quase sempre como aderindo mecanicamente à norma residencial de uxori-localidade, em outras palavras, como o único padrão possível. É, de fato, o arranjo residencial mais comum, mas não dá conta de 100% das unidades domésticas. Seria mais apropriado descrever a norma como sendo matruxorilocal, porque é enfatizada não apenas a questão de residir com a esposa, ou no lugar da esposa, mas com a mãe da esposa. A sogra é muito mais importante do que o sogro em termos de coresidência. Olhando isso de outra perspectiva, alguém me explicou que é compreensível que a mãe escolha o marido da filha porque ela é obrigada a conviver com ele embaixo do mesmo teto.

Ao contrário de algumas sociedades ameríndias, como os Yanomami, inexistente uxori-localidade temporária, uma espécie de serviço do noivo, após o qual um homem pode levar sua esposa para morar com seus próprios pais, ou morar de forma neolocal. Um genro deve permanecer com seus sogros, ou pelo menos com sua sogra, ao longo de seu casamento. No entanto, as mães de muitas mulheres casadas já morreram, e nem todas as esposas têm uma irmã ou prima paralela matrilateral residindo na mesma aldeia, assim, é comum, atualmente, encontrar apenas uma família nuclear, ou uma mulher, seus filhos e marido atual ocupando uma habitação⁹. Alguns homens casados moram por um tempo com suas irmãs se, por exemplo, sua esposa não tem mãe nem irmãs na aldeia onde reside. Algumas mulheres, ou casais, têm um ou mais filhos casados morando com eles, em geral temporariamente, e na maioria desses casos quando a esposa é uma estrangeira ou órfã.

Embora sejam os homens que constroem as casas, e às vezes se referem à casa com sendo deles ao conversar com *kubé*, não há dúvida sobre quem é o dono verdadeiro. Em caso de divórcio, não é a casa como construção que vale, mas sua localização numa porção específica do círculo da aldeia, cuja

origem remete à penumbra do tempo mitológico¹⁰. Um homem divorciado está em apuros, sem casa. Pode instalar-se na casa dos homens, ou voltar para casa para residir com uma irmã e o marido dela, mas normalmente trata-se de algo temporário, até ele conseguir casar-se de novo. Em outras palavras, casamento é uma necessidade vital para um homem maduro enquadrar-se no esquema sociocultural.

A porta da frente da casa dos homens quase sempre fica aberta; assim, não tem uma temperatura tão agradável e não é tão acolhedora quanto uma casa de família. Nenhum espaço é alocado aos homens para guardar seus pertences, então são guardados na casa de sua esposa, mãe, irmãs ou filhas. Durante o dia os homens ficam com sua turma da mesma faixa etária, sentados no chão sobre folhas, ou sobre um pedaço de pau, apenas estendendo suas redes à noite. A falta de conforto na casa dos homens é evidenciada pelo fato de que um viúvo ou homem divorciado sempre parece ansioso para casar-se outra vez logo que puder, enquanto as mulheres ficam sem casar-se durante vários anos, se não para sempre, quando atingem a meia-idade.

2.5. Matricasas versus habitações

Idealmente, mulheres com parentesco matrilinear devem morar juntas dentro de uma maloca (*kikre ry*; casa comprida¹¹), afirma-se que assim faziam no passado. É impossível averiguar se de fato tais mulheres conviviam de baixo do mesmo teto, ou se essa afirmação sempre teve o significado que tem agora, ou seja, que habitações vizinhas de mulheres de uma mesma linha de descendência uterina¹² são consideradas como constituindo uma mesma Casa, situadas na mesma localidade (*kikre djam djit*; casa em pé/lugar)¹³.

Coudreau (1897, p. 207) comenta que o padre Gil Vilanova calculou uma população de quinhentas pessoas numa aldeia Irã'imrãjre, com 52 casas, no final do século XIX. Em 1994-1995 havia 45 casas distribuídas entre as aldeias do Kapoto e da Cachoeira von Martius, com uma população um pouco acima daquela calculada por Vilanova. Se seu cálculo for correto,

10 É interessante comparar as palavras de McKinnon em sua discussão de casas nominadas numa sociedade Molucana meridional (na sudeste da Ásia) que: "são consideradas incertamente permatentes e, por meio de sua relação com os ancestrais, são relacionadas ao estabelecimento da ordem fixa do mundo" (1995, p. 177). Esta citação se refere a uma sociedade relativamente hierárquica, muito diferente aos Mbêngokre, no entanto, as semelhanças do simbolismo da casa chamam atenção.

11 Significa "casa" (*kikre*) "comprida" (*ry*).

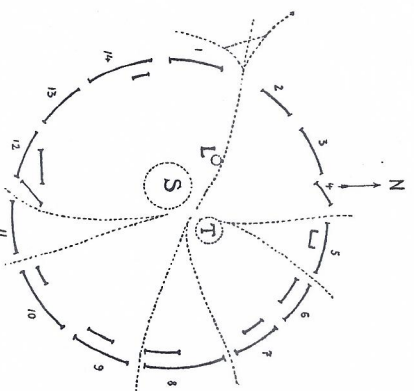
12 Prefiro este termo a "matrilinhagem" um ponto que será retomado adiante.

13 Esta expressão se traduz como "casal" (*kikre*) "em pé" (*djam*) "lugar" (*djit*).

indicaria que o número de habitantes por casa não se modificou de forma significativa durante mais de um século.

Krause (1911) fornece várias fotografias dos Irã'âmrijire ("Kayapó"), de suas casas (ver fotografia de uma casa), e sua cultura material, durante a primeira década do século XX. Ele produziu também um plano da aldeia (ver diagrama a seguir) onde, em algumas partes da circunferência da aldeia, uma habitação está construída na frente de outra e fornece até uma fotografia de um par dessas casas¹⁴. Os Mëbêngôkre me explicaram que esse procedimento era utilizado para acomodar uma unidade doméstica cujos habitantes estavam aumentando em número, ou para imigrantes da mesma matricosa provenientes de outra aldeia. Isso permitia manter a ordem correta das Casas quando aumentava a população, sem precisar reconstruir o círculo inteiro. Duas habitações desse tipo provavelmente seriam consideradas como formando uma única maloca (ou casa comprida). No diagrama de Krause, duas casas foram construídas num ângulo para encaixar-se uma na frente da outra, e outra habitação na circunferência do círculo principal da aldeia foi também construída num ângulo para se encaixar. Em algumas aldeias, espaços são mantidos vazios na esperança de preenchê-los após a chegada de pessoas da Casa que falta (ver planta de Pykany no Apêndice 3). Na língua mëbêngôkre uma Casa desse tipo é caracterizada como sendo vazia: *kikre kapry* (= casa + vazia)¹⁵.

Diagrama 9 – Aldeia Irã'âmrijire



As letras indicam:
 L = onde eu acampei (mein Lager).
 S = lugar onde dorme a equipe jovem (Schlafplatz der jungen Mannschaft).
 T = lugar onde dançam as mulheres (Tanzplatz der Frauen). Isso indica que a visita de Krause provavelmente aconteceu durante a cerimônia de nomeação feminina (a qual telefonaramos adiante).

Retrato de Krause (1911, p. 372).

14 Não foi incluída aqui porque é difícil decifrar a imagem.

15 Esta forma de notação é adotada em diante para economizar espaço: = significa "isto corresponde a"; + significa "e". Isso permite mostrar a ordem exata das palavras.

Diagrama 10 – Diagrama de Krause (1911, p. 373) da estrutura de uma casa

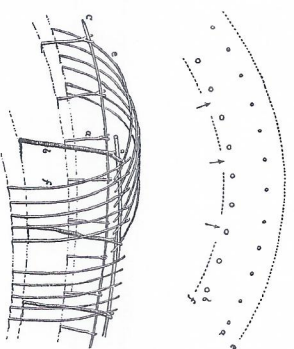


Figura 12 – Fotografia de Krause (1911, chapa 1) de uma casa.

A polissemia da palavra "casa" em mëbêngôkre é ilustrada pelos exemplos seguintes: 1) Ao perguntar a respeito de alguém que esteja dentro de uma habitação, o interlocutor responde que tal pessoa está *kikre kam*¹⁶, que poderia ser glossado como "dentro da casa", num sentido espacial. 2) Ao indagar porque dois homens, que residem em casas separadas, usam o mesmo cocar, o interlocutor costuma dizer *kikre kam arinhô*¹⁷, o que significa "pertence às pessoas daquela casa", no sentido da matricosa dos

16 A palavra *kam* significa "em" ou "dentro".

17 *Ar* designa um grupo pequeno de pessoas e *inhô* é a forma possessiva. *Arô* poderia ser glossado como "sent", seguido por um objeto, como, por exemplo, ao dizer *arô mry*, sua carne. Alguém pode dizer *irihkwã kam*; literalmente "casa em", o que significa "dentro da casa". As palavras *kikre* e *irihkwã* parecem ser sinônimos. A palavra *kwa* significa "costela". A palavra *irihkwã* é possivelmente derivada do verbo "sentar" (*nhry*) seguido por *kwa*, designando espaço curvado, em referência ao teto. Em outras palavras, uma habitação tradicional é um abrigo de forma curvada, referindo-se ao teto, como se pode ver no diagrama de Krause da estrutura de uma casa Irã'âmrijire. O verbo "sentar" é também usado no sentido do aspecto continuativo.

homens em questão. 3) Ao mencionar os homens que desempenham o papel de especialista cerimonial em duas ou mais aldeias, o interlocutor costuma dizer que se trata de sua riqueza e prerrogativa (*mekretv*), naquela Casa (*Kikre kam*)¹⁸.

É significativo que uma aglomeração de habitações vizinhas, pertencentes a mulheres aparentadas matrilinearmente, tende a compartilhar um único forno de pedra (*ki*)¹⁹. A palavra “casa” (*kikre*) parece derivar-se do termo “forno” (*ki*) junto com a palavra “buraco” (*kre*). Um forno de pedra (*ki*) designa um montículo de pedras porosas, trazidas do rio e depositadas do lado de fora de cada Casa. Se duas irmãs se desentenderam, e uma delas mudou-se para outra porção do círculo, então a habitação de cada uma delas terá seu próprio forno. É usado para assar os tradicionais *berarubu Jé* (*djw*) *kupu*; = “comida embrulhada”); lenha e vegetação seca são colocadas em cima das pedras e acesas até as pedras ficarem incandescentes. Em seguida, as pedras são afastadas para colocar no solo os *berarubus* de carne, embrulhados em folhas de bananeira. As pedras são recolocadas por cima até completar o cozimento. Quando não há pedras disponíveis na roça, por exemplo, bolas de terra são usadas com a mesma finalidade.

2.6. Segmentação

Vamos agora retomar o aspecto externo indiferenciado das casas, além de seu tamanho e estado de conservação (já mencionados). Nos escritos do PHBC, e na literatura antropológica posterior referente aos Jé, os pesquisadores discutiram não somente as casas, mas também “segmentos” (ou *clusters*). O significado exato de tais termos é sempre vago²⁰. No caso *Mébêngôkre*, é imprescindível distinguir entre segmentação em nível intra-

18 Os exemplos dois e três são semelhantes. No exemplo dois, a matricosa dos homens em questão pode estar presente na aldeia onde eles moram ou não; o exemplo três se refere explicitamente a duas aldeias separadas.

19 Carsten e Hugh-Jones, ao discutir os artigos no livro organizados por eles sobre sociedades de casas, notam que entre os *Kelabit* de Sarawak, os *Malayos* de Langkawi, e os *Zařmaniry* de Madagascar, a lareira indivisa é um dos traços principais da casa (1995, p. 27).

20 MacDonald, ao discutir as sociedades de casas nas Filipinas, caracteriza uma sociedade segmentar pela justaposição de partes idênticas (1987, p. 74). Isto corresponde ao aspecto visual das aldeias Jé, com as habitações equidistantes posicionadas em uma forma circular; mas ignora o fato de que algumas vezes uma única habitação representa uma determinada matricosa dentro de uma aldeia específica, enquanto outras habitações fazem parte de uma Casa composta de várias casas. Gibson (1995, p. 130) lembra-nos que a noção de sociedades segmentares surgiu do modelo de solidariedade mecânica de Durkheim.

aldeia e interaldeia. Dentro de uma aldeia específica, uma única matricosa pode ser representada por entre uma a oito habitações, idealmente ocupando um espaço contíguo.

Durkheim (1933) formulou seu conceito de solidariedade mecânica, onde segmentos, tais como clãs, se relacionam como unidades semelhantes, contrastando com aquilo que designou a solidariedade orgânica que caracteriza a sociedade moderna, em que diferenciação ocupacional pode criar dependência mútua. Os *Mébêngôkre* fundem ambos os tipos, demonstrando a inadequação dessa tipologia durkheimiana, embora esse próprio reconheça que esses tipos ideais distintos de solidariedade não necessariamente se excluam entre si (ver Aron, 1967, p. 13). Solidariedade mecânica implica não apenas uma consciência coletiva, tal como um sistema de valores compartilhado por todos os membros da sociedade, mas também a autonomia relativa de cada segmento (ver Nisbet, 1974). A cosmologia *Mébêngôkre* corresponde mais de perto ao paradigma de solidariedade orgânica, com o foco na totalidade e não na autonomia dos segmentos que o compõem.

Rivière (1980, p. 534) chamou atenção para a falta de diálogo decapocinante entre aqueles que contribuíram para os capítulos do livro *Dialectical Societies*. Nenhum motivo é fornecido ao leitor para justificar o uso de “segmento” versus “cluster”, que parecem ser sinônimos. Lave (1979, p. 26) define o termo usado por ela da seguinte maneira: “Um agregado [cluster, literalmente cacho ou pence] doméstico é um grupo de casas localizadas uma ao lado da outra no círculo da aldeia, onde residem os membros de uma família extensa uxorilocal”. Lave e Melatti estudaram os *Timbira* orientais (respectivamente os *Krikati* e os *Krahó*), enquanto o estudo mais detalhado de um povo Jé realizado por Nimuendajú focaliza os *Ramkokamekra* e os *Apanjekra* (ou *Canela*), subdivisões dos *Timbira* orientais.

Nimuendajú descreveu os *Timbira* como sendo caracterizados por famílias extensas matrilineares, notando que as filhas permanecem na casa da mãe (sem aplicar um termo específico a essa norma residencial), e que: “uma família extensa pode se espalhar por várias casas” (1946, pp. 79 e 83). Nimuendajú fala de metades exogâmicas, com os filhos pertencendo à metade da mãe, sem usar a palavra matrilinear (1946, p. 79). A questão da descendência matrilinear foi descartada pelo PHBC (1979), junto com o sistema de descendência paralela atribuído erradamente aos *Apinayé* por Nimuendajú. O volume do PHBC (1979) não faz nenhuma menção aos manuscritos desse autor sobre os *Gorotire* e os *Irã’ãmãjre* (Pau d’Arco), onde atribui metades exogâmicas a estes últimos, descritos como “matrilineares e matrilocais” (1940, p. 128). Nimuendajú também acreditou que os *Gorotire* tinham metades vermelhas e pretas (1940 [1952]), uma afirmação